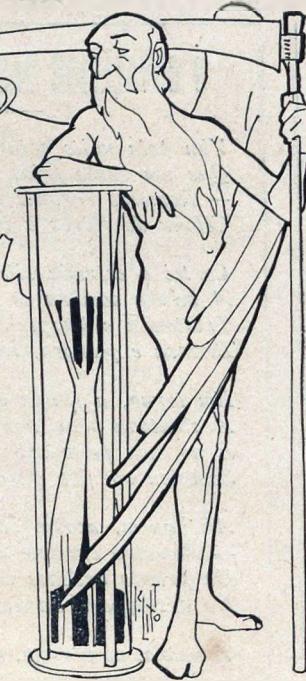


Alma vista d'olhos no passado



Recordar é viver... O sabio que o disse não mentiu. Quando se rememoram as coisas, o tudo do antanho, uma profunda ternura nos rejuvenesce, e como que passamos a gozar uma existencia melhor. Alli, é um vulgo, que fulgurou na glória de ser grande. Alli, um quadro de arte que recompõe a história do artista que o traçou.

Lá e cá, a tradição, que se não perde, e reconstitue os costumes, as victorias, a grandeza e o heroísmo de um povo, ou as bellezas artísticas de uma terra.

Por isso é que recordar é tambem uma condição essencial de viver.

Quem recorda vive, e revive.

Assim, nos transumertos desta página, iremos a pouco e pouco recordando typos, que a morte preocemente levou; coisas, de que só o passado guarda o segredo; costumes, que se succederam; panoramas e artes, que o olvido embalde, pelo aniquilamento, buscou empoeirar, apagar, destruir.

Para a Bahia, para os Estados, para o Brasil, para o mundo, recordar aqui é ainda um meio prodigioso de triumphar do proprio esquecimento.

Recordemos...

PEDRO KILKERRY

NUNCA é tarde para falar da esquisita morte desse esquisitíssimo poeta bahiano. Pedro Kilkerry é talvez o poeta mais original do Brasil. Alto, esguio, com um perfil singular de symbolista, era todo uma contínua abstracção de si mesmo.

Dentro daquele corpo, fragil como um crystal, de uma tristeza communicativa, com ares de cypreste, a poesia borbulhava em torrentes de ouro.

Era o poeta adorador de Banville, creador de symbolos, como este. Mas, que ironia aquella de seus dictos, nas rodas dos amigos, e que riso perturbador e alegre!

Ninguem diria, ouvindo-o recitar, como só elle o sabia, seus proprios versos, com um encanto magnífico de entusiasmos delirantes, ninguem diria que velava aquella voz de todas as sonoridades o sentido lúgubre da morte.

De roda do poeta, os novi-cruzados puderam viver do sonho, como se fosse Kilkerry a reivindicação do verso menosprezado da indiferença consuetudinaria.

Da sua roda, o Chiacchio (Carlos), o Galdino de Castro, o Antonio Vinha, o Carlos Wéiber, o Arthur de Salles, o Roberto Correia, o Affonso Costa, o Deraldo Neville, já desaparecido, o Filemon de Menezes, o Rozendo Filho, o Descartes de Magalhães, o Fernando Caldas, o Argileu Silva, o Alberto Rabello, o Aloysio Silva, o Desouza Dantas, o Da Costa e Silva, o Jakson de Figueiredo, de quem era íntimo, e outros mais, eram os mais assíduos nas tertulias á Praça Castro Alves, em frente á soberba e longa bahia, sob as arvores, perambulando, ou nos bancos, quando o luar os reunia, a recitar sonetos, e a futurar coisas de arte.

Bom tempo! Quando se soube da morte quase repentina do Kilkerry, que tristeza entre os amigos em Apollo!

Havia dias o Kilkerry passára pela Livraria de nossos amigos Almeida & Irmãos. Comprára uns livros, para advogar no Forum. Já era bacharel formado, de poucos meses. De momento a noticia: Kilkerry no Santa Izabel! Submeteu-se a uma operação no larynge. Dias mais: Kilkerry morto! Nem os amigos todos, que o estremeciam e admiravam, puderam conforta-lo na agonia...

Pobre poeta malogrado! Cultura das mais sólidas. Vocação absoluta. Poeta dos maiores, com uma obra ainda agora dispersa, e das que mais elevam a musa dos bahianos.

Na lembrança, e carinho de o recordar, ve-

mos, ainda, como, já minado da tuberculose, a ceifadora má de predestinados, vemos como, ainda academico de Direito, pela volta de Setembro, o mês jovial dos estudantes, como era guisalhante e ruidosa a sua alegria:

TROVAS DA PRIMAVERA

Primavera — versos, vinhos...
Nós — Primaveras em flôr
E, ai! corações! — cavaquinhos
Com quatro cordas de Amor!

Requebrem arvores, — ufa!
Como as mulheres, ligeiro:
Como um pandeiro que rufa,
O sol, no monte, é um pandeiro!

O campo, de ouro, trasborda...
Oh! Primavera, um vintem!
Onde é que se compra a corda
Da desventura, tambem?

Agora, um rio, a agua esparsa...
Nas aguas claras de um rio
Lavem-se as pennas á garça
Do riso branco e sadio.

E o dedo estale, na prima.
Que Primaveras! e em flôr!
Ai! corações, uma rima
Por quatro versos de Amor!

Bahia.

PEDRO KILKERRY.



MATRIZ DA CIDADE DE NAZARETH — BAHIA

O MALLOGRO DA ULTIMA TENTATIVA DOS HOLLANDESES CONTRA A BAHIA

(MAIO DE 1638)

Este episodio das virtudes civicas de alguns portugueses, que salvaram a Bahia da ultima tentativa dos hollandeses, fora colhido na vasta história de Portugal, por Vilhena Barbosa, a quem devem as letras serviços de grande preço.

I

HOUVE uma época, em que a estrella de Portugal refugiu no horizonte politico do mundo mais luminosa e brilhante que a de nenhuma outra nação. Nessa época sorriam-nos todas as glórias e felicidades, que um povo pôde desejar nas suas mais elevadas aspirações, nos seus mais dourados sonhos.

Os nautas partidos do Tejo devassavam então todos os mares, e desvendavam as mais longinhas e ignotas regiões. O pavilhão das quinas tremulava victorioso ao mesmo tempo nas praias da America, nas terras da Africa, em opulentas cidades da Asia, e nas ilhas da Oceania. Os capitães portugueses sujeitavam ao sceptro dos seus monarcas grandes e poderosissimos reis. A India derramava sem cessar em nossos cofres publicos o seu ouro, as suas pedras preciosas, os seus ricos estofoes, e as especiarias de subido valor. As letras e as artes, cultivadas por homens de genio, floresciam e brilhavam com extraordinario lustre. Lisboa, transformada no grande empório das mercadorias do Oriente, procurada da navegação de todas as potencias marítimas da Europa, trajada de sumptuosas galas, cingiu a corôa de rainha das mais cidades europeias. E Portugal, por todos admirado e respeitado, viu os maiores potentados do mundo requestarem e disputarem a sua amizade e aliança.

Essa estrella, tão fulgente, precipitou-se um dia, e lá foi sumir-se, e perder-se nos areais de Alcaçar Quebir! Portugal viu-se então, de improviso, como que acordando de terrível pesadelo, de senhor feito escravo. A sua força converteu-se em fraqueza; os seus brios em prostração; o seu poder em fumo; a sua glória em opprobrio; e a admiração e respeito, que ainda ha pouco inspirava aos estranhos, em escarneio e afrontas!

Apenas os exercitos de D. Filipe II de Castella, aproveitando-se do abatimento em que uma grande catastrophe nos lançou, conseguiram abafar no peito dos portugueses o espírito de independencia, a França, a Inglaterra e a Hollanda, desassombradas daquelle poder marítimo, que lhes embargava o dominio dos mares,